

## PEDAGOGIA PACHAMÃE: POTENCIALIZANDO A INTEGRAÇÃO LATINO AMERICA E O BOM-VIVER

Camila Stefanny Mora Melo\*

**RESUMO** O presente artigo decorre das reflexões e das ações concretas apontadas pela pesquisa de doutorado *Das armas e Das letras: A violência no novo romance Latino Americano*,<sup>1</sup>. Ele tem como objetivo descrever como o Coletivo Pachamãe<sup>2</sup> vem desenvolvendo uma proposta pedagógica descolonizadora que permite refletir sobre a realidade da América Latina, sua condição de subalternidade, o apagamento e desconhecimento da história e das culturas dos diferentes povos que a integram. Nesse sentido, busca-se pelo trabalho empírico, construir pontes de diálogo e de trocas de conhecimentos entre a universidade e a comunidade com o intuito de gerar uma educação diversificada, emancipatória e transformadora. Para tal, por meio de uma metodologia de pesquisa narrativa/descritiva e levando-se em consideração a importância de vivenciar o *bem-viver*, é feito um breve percurso dentro da trajetória do Coletivo Pachamãe, destacando algumas das muitas atividades realizadas, como forma de integração latino-americana. Os resultados demonstram a importância do incentivo na arte-educação, como agente transformador no empoderamento do sujeito diante da gestão social, política, ambiental, impulsionando uma vida coletiva harmônica, que esteja em consonância com a Mãe-Terra (pachamama).

**Palavras chave:** Pachamãe, Bem-viver, Arte Educação.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever como o Coletivo Pachamãe vem desenvolvendo uma proposta pedagógica descolonizadora que permita refletir sobre a realidade da América Latina, sua condição de subalternidade, o apagamento e desconhecimento da história e das culturas dos diferentes povos que a integram, estimulando o diálogo com o Brasil com o intuito de gerar uma educação diversificada, emancipatória e transformadora.

\* Universidade do Estado da Bahia-UNEB

<sup>1</sup> Prof. Dr. Dani Velásquez Romero, Departamento de Letras Românicas, Universidade Federal da Bahia, 2016.

<sup>2</sup> Coletivo de Integração Latino Americana.

Para tal, utilizo-me da pesquisa narrativa, cuja metodologia empregada tem como foco a experiência humana, como afirmam Clandinin e Connelly, (2011, p.18): “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. Nesse sentido, privilegia-se o meu lugar de fala e a minha própria experiência dentro do coletivo e como ela tem levado à transformação pessoal em função de ideais e ações coletivas para aquisição de uma consciência maior da importância do bom-viver e do cuidado da Pachamama.

O projeto PachaMãe, surge da pesquisa de doutorado, *Das armas e das letras: A violência no novo romance Latino Americano*, do professor Dani L. Velásquez Romero, do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal da Bahia. Este estudo revelou através da análise e reflexão de um corpus representativo de romances (narrativas), as marcas e consequências das violências acontecidas na América Latina nas últimas décadas da sua história. A mensagem que estas narrativas permitiram identificar refere-se ao estado de decomposição social, à crise civilizatória que a modernidade capitalista tem provocado, apontando a necessidade de investir nas *Letras*, na educação libertadora, na arte, na cultura, para sair desse estado de *Armas* e extermínio da vida na Pachamama (Mãe-Terra)

Desta maneira, aparece a necessidade de suscitar novas propostas de pensamento que provoquem no indivíduo a desconstrução da hegemonia colonizadora e seu projeto de modernidade, o qual afasta o ser humano das suas origens, negando a história e a cultura dos seus povos ancestrais. Esta rasura produz no indivíduo o desconhecimento das suas raízes fazendo com que se sinta menos seguro sobre sua própria identidade e seu papel na comunidade. Assim, surge a vontade eminente de uma construção coletiva e da união de pessoas que compartilhassem o mesmo ideal para a formação do Coletivo e Casa PachaMãe de Integração Latino-americana<sup>3</sup>.

Pachamãe nasceu no ano de 2016, reunindo pessoas interessadas num convívio cultural e educacional, tendo como referencia o pensamento dos povos que integram América Latina, com concepções diferenciadas dos parâmetros hegemônicos tradicionais. Inicialmente realizou atividades dentro de espaços acadêmicos e comunitários para divulgar a cultura latino-

<sup>3</sup> Localiza-se numa Comunidade de pescadores do bairro de Monte Serrat, na cidade de Salvador, Bahia.



americana. Nesse mesmo ano o coletivo se torna um grupo de Extensão permanente do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal da Bahia. A proposta do coletivo é portanto materializar em ações concretas as reflexões apontadas por *Das Armas e Das Letras*: investir nas *letras*, na arte, na cultura e na educação libertadora para sair do estado de armas e violências que experimenta nossa atual sociedade, construindo pontes de diálogo e de trocas de conhecimentos entre a universidade e a comunidade.

No Coletivo Pachamãe quando nos referimos à origem estimulamos a importância de conhecer e compreender as raízes de cada “pacha”, suscitando a integração de relacionamentos de produção cultural, de intercâmbio e de cooperação para defesa da vida na convivência comunitária. Quando digo “Pacha(s)”, faço referência aos filhos da Pacha Mama, é assim como gostamos de ser reconhecidos no coletivo, pois, acreditamos na necessidade de voltarmos às nossas ancestralidades, resgatando a cultura de nossos povos que viviam em harmonia com a Mãe-Terra.

Assim sendo, nasci na cordilheira dos Andes Colombianos, fui criada entre as montanhas da *Sabana de Bogotá*. Desde criança apresentei uma grande sensibilidade criativa e espiritual de cura e amor para dar às pessoas. Com sete anos de idade tive a ideia de estudar psicologia sem saber exatamente ao que me referia na época, deixando-me guiar pela intuição, ou, simplesmente sendo orientada pelos meus ancestrais, os quais também foram curandeiros. A minha família me conta que eu gostava de falar que iria curar as pessoas com a escuta e as palavras para que todos pudessem estar sempre bem. Felizmente, este sono se realizou quando entrei a cursar a profissão numa faculdade de Bogotá, Colômbia. Estando no segundo ano de formação surgiu a possibilidade de fazer um intercâmbio estudantil para o Brasil. Foi então que comecei a estudar o português, idioma que acredito deve ser aplicado a todo sistema educativo dos países da América Latina, assim como o espanhol, de maneira que se promova uma educação intercultural bilíngue, quebrando com as fronteiras linguísticas presente entre os países irmãos.

Deste modo, comecei a transformar primeiro as minhas fronteiras pessoais e fui mergulhando cada vez mais na fascinante cultura brasileira, sentindo-me inexplicavelmente parte dela. Era inevitável comparar o quanto se parecia com minha terra, proporcionando a sensação de estar em casa. Foi assim que percebi como a Colômbia e o Brasil aparentemente tão “diferentes”, levavam incorporados os mesmos códigos culturais, carregados da história de

luta e resistência contra a dominação eurocêntrica ao igual que os outros países latino-americanos.

Mas depois de morar um bom tempo na cidade de Salvador, com toda sua luta de resistência negra, conhecendo gente de diversos lugares da América Latina, sentia a necessidade de ter espaços comunitários abertos à troca para repensar e aprofundar nas nossas culturas originárias. Geralmente, fazíamos os encontros nas casas das pessoas, pelo fato da maior parte ser estrangeiros nos sentíamos mais abertos à troca em espaços que fossem familiares. A casa era o lugar onde podíamos partilhar nossas experiências e referentes culturais sem restrições.

A música, a dança, a literatura, e os papos sobre América Latina eram o que mais compartilhávamos. A troca era tão rica que sempre saíamos conhecendo um grupo musical ou alguma representação cultural de algum país latino-americano. Alguns amigos brasileiros aprenderam a falar espanhol enquanto a gente praticava o português, por exemplo. Durante os encontros se foram construindo rituais, como, o brinde e o sarau literário para iniciar à cerimonia. Um dos rituais era colocar a música que mais tinha nos marcado no último encontro para abrir a dança e finalizar o encontro com a consagração da roda como forma de concluir a integração.

Nesse anseio de ter um espaço intercultural, acolhedor, onde ficasse em evidência nossa identidade como latino-americanos, o professor *Dani Velásquez*, retorna a *Salvador*, após ter concluído sua pesquisa de doutorado, com a ideia de colocar em prática seus estudos. Ao mesmo tempo, em que o desejo coletivo se concretizava, reunimos um grupo de amigos com apreciações revolucionárias de transformação e grandes sonhadores por criar um mundo onde se priorize e respeite a vida. Foi então quando surgiu a proposta de fazer parte da construção do Coletivo Pachamãe de Integração Latino Americana.

Num piscar de olho, aquilo que era inicialmente uma ideia entre amigos, tornou-se um movimento coletivo de organização social, como uma oportunidade de construir coletivamente uma nova forma de vida comunitária. Resgatando assim, os processos histórico-sociais de povos que são permanentemente marginalizados, reivindicando o passado e o presente, nutrindo-nos dos aprendizados, das experiências e das formas de produzir conhecimento dentro da comunidade para o desenvolvimento de práticas autossustentáveis do *bem-viver*.

Para Tortosa apud Acosta(2016,p.26)

“A ideia do *Bem Viver* nasce na periferia social da periferia mundial e não contém os elementos enganosos do desenvolvimento convencional. (...) A ideia provém do vocabulário de povos outrora totalmente marginalizados, excluídos de respeitabilidade e cuja língua era considerada inferior, inculta, incapaz de pensamento adstrato, primitiva. Agora, seu vocabulário faz parte de duas constituições”.

Por conseguinte, era o momento de materializar uma proposta sustentada na possibilidade de gerar uma mudança social integrativa não só entre o ser humano, mas também dele com a Mãe-Terra.

Segundo Acosta (2016, p.25), torna-se necessária a convivência harmoniosa entre os seres humanos, consigo mesmo e com a natureza reconhecendo a diversidade cultural existente e a necessidade cada vez mais explícita de conviver em harmonia com todos os organismos vivos e não vivos para obtenção de práticas sustentáveis para a vida.

Certamente aquilo que no início da história começou com a simples intuição de uma criança sonhadora hoje se realiza com a ação de uma mulher militante, atuante dentro do coletivo Pachamãe. Uma pacha que acredita na importância de suscitar a cura coletiva, introduzindo a política do *bem-viver* para o sustento de uma vida em harmonia com a comunidade e as diferentes formas de vida.

Seguindo as reflexões de José María Tortosa e Alberto Acosta (2016). O *Bem-Viver* ou *sumak kawsay*, palavra remanente do idioma dos originários de Equador e Bolívia:

“O *Bem viver* [é] uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo” (TORTOSA apud ACOSTA, 2016, pag.76).

Nesse sentido, Acosta também afirma:

Se o desenvolvimento trata de “ocidentalizar” a vida no planeta, o Bem Viver resgata as diversidades, valoriza e respeita o “outro”. O Bem Viver emerge como parte de um processo que permitiu empreender e fortalecer a luta pela reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizadas e periféricas. Em conclusão, o Bem viver é eminentemente subversivo. Propõe saídas descolonizadoras em todos os âmbitos da vida humana. O bem viver não é simplesmente conceito. É uma vivência”. (2016, pag.82)



Levando em consideração a importância de vivenciar o *bem-viver*, sem mais, faço um breve percurso dentro da trajetória de Pachamãe, destacando algumas das muitas atividades que efetuamos e nos marcaram como coletivo de integração latino-americana, desde nosso trabalho na cidade de Salvador. Cada espaço ocupado foi transformado pelos encontros que provocaram trocas de experiências que permitiram abranger a diversidade dos indivíduos dentro das comunidades.

As ações do coletivo Pachamãe são focadas na arte-educação, como agente transformador no empoderamento do sujeito diante da gestão social, política, ambiental, impulsionando uma vida coletiva harmônica, que esteja em consonância com a Mãe-Terra.

Cada encontro desenvolvido por Pachamãe congrega pessoas sem distinção de raça, gênero, nacionalidade, etc., as quais, através do diálogo abrem espaço para conhecer melhor as contingências históricas concretas que nos atingem a todos. Construindo coletivamente possibilidades de caminhos que nos levem para outros ideais de vida, onde Eu e o Outro podemos transformar o presente para um futuro que produza conhecimento, sabedoria para a conservação da vida no nosso planeta. Isto temos tentado materializá-lo a través de ações educacionais, criativas, que possibilitem caminhar em direção contrária ao chamado desenvolvimento moderno que com suas raízes coloniais, justifica as visões excludentes e dominadoras:

Las culturas que se han considerado siempre como atrasadas indican hoy el camino que hay que tomar, porque las culturas anteriores no eran tan suicidas como la moderno occidental... Se ve desde estas culturas mucho más claro que desde las culturas del progreso. Ellas se convierten en muy actuales, tienen plena actualidad. Habitualmente se piensa que hay que disolver la cultura que se considera atrasada, para transformarla en modernidad... Yo creo que es al contrario, esas culturas pueden ser hoy la brújula para hacer caminos. Creo que esto hay que pensarlo con mucha seriedad.

Pelo exposto, o coletivo Pachamãe entende a importância de traçar novos caminhos educacionais que formem sujeitos conscientes, críticos e transformadores da atual modernidade suicida. De tal modo, que o refletir e agir na educação estejam orientados pela dimensão de um pensamento libertador que nos leve a ter outra leitura do mundo.

Segundo Velásquez (2015, p.441), isto significa que,

“A través de las *letras*, de esa educación libertadora, del proceso de sacar las máscaras y vernos como somos, aceptarnos como somos y amarnos como somos, posiblemente podremos construir esa globalización humanista de amor y de vida, y así intentar rescatar nuestra especie del abismo al que parece estar condenada por los señores de las *armas*

Assim, a transformação de práticas opressoras habituais na sociedade é possível quando investimos na arte, na educação, na cultural como formas de identificação e resistência dos povos que ainda são excluídos e considerados como “primitivos” pelas vertentes do pensamento colonial. Por este motivo, torna-se fundamental enfatizar o reconhecimento e a valorização dessas culturas pelo viés educativo, promovendo o respeito como aceitação das diferenças estabelecidas entre elas, sem ter que acudir a condutas de dominação global para seu suposto entendimento.

Acreditamos que é através das praticas da educação decolonial que os sujeitos vão conseguir vislumbrar seu papel como agentes mediadores de ações que possibilitem estabelecer relações mais igualitárias, justas e inclusivas para si mesmos, para o outro e para a Mãe-Terra. Acredita-se que um sujeito consciente valoriza e se responsabiliza do cuidado de todos os aspectos estruturais que fazem possível a sustentação de um espaço digno para conviver bem em comunidade. Segundo Dussel (1996, p. 200):

Cuando hablamos de praxis (relación hombre-hombre) incluimos en este caso igualmente la poésis (relación hombre-naturaleza). La acción liberadora que se dirige al otro (hermano, mujer o varón, hijo) es simultánea de un trabajo en su favor. No hay liberación sin economía y tecnología humanizada, diseño, y sin partir de una formación social histórica. Por ello, la praxis de liberación (una poésis práctica o una praxis poiética) es el acto mismo por el que se transpasa el horizonte del sistema y se interna realmente en la exterioridad, por el que se construye el nuevo orden, una nueva formación social más justa.

Sendo assim, entendemos que a transformação social exige a necessidade de se recriar e se libertar a si mesmo nas relações com outro e com o mundo, procurando estabelecer analogias mais igualitárias, focadas na reciprocidade para o cuidado coletivo.

Essa nova educação de vida, baseada no resgate do vínculo inseparável do ser humana com a natureza, pode ser gerada através da estimulação do processo criativo. A criatividade está

relacionada ao pensar, sentir, decidir e agir do ser humano. A educação como práxis transformadora criativa, implica a integração dos sujeitos com a realidade percebida por ele para a criação de novos aprendizados, vínculos e práticas mais construtivistas que possibilitem viver bem consigo mesmo, assim como com a comunidade. De forma que, o sujeito se sinta livre para estabelecer a relação Eu – Mundo, consubstanciada pela subjetividade do mesmo, a partir da sua história, cultura e a forma de percepção da realidade, conseguindo a autoafirmação do ser, mas com relação ao outro. Neste pensamento do pensar para fins coletivos, Pachamãe, percebe a necessidade de estreitar o vínculo entre a academia e a comunidade, já que as duas são estruturas sociais fundamentais para a formação de vida do sujeito e da comunidade.

Com o propósito de consolidar ainda mais a relação entre academia e sociedade, se torna necessário ter claro, a influência e importância das duas na educação construtiva do pensamento libertador como fontes geradoras de consciência do sistema capitalista. Levando em consideração a necessidade de transcender para uma nova filosofia de vida, que seja libertadora, torna-se importante ampliar os processos de identificação que permitam o reconhecimento de si mesmo, do outro, junto ao papel que desenvolve cada um no processo do aprender a *viver-bem*, integrado à comunidade e à Mãe-Terra.

Si la filosofía de la liberación es el pensar mismo de la praxis de liberación, en la militancia, como intelectual orgánico del pueblo, la filosofía se transforma en la crítica de toda crítica: crítica radical, metafísica, más allá que la propia crítica dialéctica negativa. Por ello la filosofía es muerte, muerte a la cotidianidad, a la segura ingenuidad del sistema; es riesgo, riesgo de muerte, porque en este caso la filosofía se levanta, dentro del sistema, como su rehén, como testimonio de un orden nuevo futuro, y formula claramente su provocación, la misma que la del oprimido pero ahora con el mismo código del sistema dominador (DUSSEL, 1996, p..208).

Seguindo a linha de pensamento desse autor, sobre educar o sujeito dentro de uma nova filosofia da libertação, possibilitando ao mesmo tempo compreender sua capacidade criativa para interferir no desenvolvimento da sua realidade para fins que tragam benefícios sustentais para todos e não só para alguns, vislumbramos esperanças de proporcionar mudanças na estrutura educacional da sociedade, na sua forma de pensar, sentir e se relacionar com elas mesmas e o mundo que nos rodeia, com a *Pachamama*.





Depois do anterior panorama teórico-filosófico, descreverei a continuação algumas das intervenções educacionais e culturais mais marcantes realizadas pelo coletivo Pachamãe, as quais causaram impacto nos paradigmas sociais e existenciais dos participantes. Possibilitando integrar as diversas culturas dos países Latino-Americanos, fortalecendo a troca de pensamentos, o reconhecimento da nossa identidade a partir da cultura herdada pelos nossos ancestrais. A Continuação farei uma descrição mais específica sobre a experiência na gestão da primeira Casa Cultural de Integração Latino Americana na cidade de Salvador, ressaltando o quanto a gestão da Casa Pachamãe nos permitiu como coletivo crescer junto à comunidade na incorporação de outros discursos e outras propostas de câmbio civilizatório.

Deste modo, o coletivo PachaMãe, fez o lançamento do seu Projeto de Integração Latino-americana, no restaurante vegano: Rango Vegan, localizado no Bairro do Santo Antônio Além do Carmo, local tradicional e cultural do centro histórico de Salvador. O espaço é gerenciado por mulheres empreendedoras que colocam em prática o trabalho coletivo para a geração de renda familiar e divulgação da filosofia vegana como forma de expansão da consciência do consumo racional, da importância e da carga revolucionária da comida. Neste primeiro encontro apresentamos publicamente a proposta do Coletivo e as nossas intenções revolucionárias por acreditar na possibilidade de construir caminhos que tragam um futuro melhor para a humanidade. A experiência no *Rango Vegan*, despertou o interesse nas pessoas por conhecer mais sobre a cultura popular do continente percebendo a similitude nas suas raízes. Os participantes relatavam a vontade de apreender a língua espanhola, as danças, cantavam músicas que conheciam misturando os dois idiomas no canto. No encontro foi debatida a problemática do consumo moderno, trazendo consciência sobre esta problemática, principalmente no cuidado com a alimentação, a importância na redução do consumo de carne, do respeito para com os animais, como com a natureza em geral. Pensamos juntos no valor que damos à ação de comer, do cuidado no que inserimos, apreciando o que o corpo está consumindo em todos os aspectos, aprendendo a respeitar à terra que sempre tem nos proporcionado os nutrientes necessários para sobreviver. Outro evento que vale a pena mencionar foi o *I Congresso Andino*, realizado pelo Departamento de Letras Românicas da UFBA, ao qual o Coletivo foi convidado, se realizou um levantamento histórico dos povos andinos, lembrando suas lutas, trazendo sua resistência diante das diversas fontes de domínio colonial. Foram apresentadas intervenções da cultura popular dos países Andinos: danças,



músicas, imagens, vídeos, poesia, etc. Depois está o *Seminário Diálogos Interdisciplinares: história e cultura de Latino-américa*, evento realizado para pensar, discutir e construir uma nova América Latina. Também é importante mencionar a nossa participação no Fórum Social Mundial com o tema: *A construção territorial cotidiana da América Latina*. A proposta era mostrar para os participantes o trabalho de difusão do conhecimento da cultura da América Latina que o coletivo vem desenvolvendo, desde suas origens na comunidade, na universidade e em outros lugares públicos e privados de Salvador, assim como de outras latitudes. No trânsito pela universidade procuramos despertar a consciência sobre a importância de investir nas *letras* enquanto soma de práticas reflexivas, em relação à existência do colonialismo no desenvolvimento moderno e suas consequências nefastas. Procuramos insistir na importância do resgate do conhecimento ancestral dos povos oprimidos para sair dos paradigmas estabelecidos pela modernidade, emanando novos códigos de conduta ética e espiritual nas relações humanas, promovendo espaços de liberdade onde a Mãe-Terra também seja vislumbrada como sujeito.

Segundo Bautista (1996), na América Latina nos encontramos num momento histórico, no qual estamos começando a produzir outra ideia de economia, política e sociedade, vinculadas ao conhecimento de adquirir outra forma de vida, distinta da forma de vida moderna. Agora, na atualidade, trata-se de fazer a transição para essa nova forma de vida, a qual precisa de outras maneiras de se produzir outras racionalidades, que contemplem a preservação da vida no planeta.

Neste sentido de produzir outros conhecimentos, Bloch(2005,p.243), reflete sobre a importância em desenvolver outros caminhos de liberação centrados numa educação utópica com a esperança de construir um futuro melhor. Para o mesmo, o presente é uma espécie de ponto cego e o utópico é sustentado pelo sonho para frente, não aponta para o agora e busca o presente autêntico. Esse autor fala do utópico no sentido de ultrapassar o que nos é apresentado como curso natural dos acontecimentos. O homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa.

Na intuição de acreditar nessa esperança educacional que possibilite aos sujeitos visualizar alternativas diferentes para o andamento da vida, a atuação pedagógica do coletivo



Pachamãe dentro da comunidade tornou-se necessária. Isto se deve a que acreditamos que ao se pertencer a uma comunidade se criam fontes de resistências que permitem tecer de forma coletiva novos caminhos pedagógicos que nos aproximem à construção de estratégias que promovam bem-estar para todos os sujeitos. Ao mesmo tempo em que entendemos que quando nos projetamos dentro da comunidade, da sociedade, pode se dar mais rápido o processo de valorização da nossa cultura, posto que nos sentimos identificados como sujeitos ativos dentro de um espaço sócio-político reconhecido por ele mesmo assim como pelo outro. Só desta maneira, conseguimos ultrapassar as fronteiras da educação formal e caminhar para uma educação crítica que identifique os limites da racionalidade moderna e proponha novos caminhos que nos levem a construir mundos onde caibam outros mundos, como falam os zapatistas no México.

Em virtude do coletivo Pachamãe, desejar construir sua proposta educacional dentro da comunidade, tendo como um dos seus objetivos traçar vias que permitissem proporcionar o intercambio comunicativo constante com a universidade, mas a través de uma extensão efetiva, entramos na procura por um espaço nosso, onde poder desplegar nossas ideias. Desta maneira surgiu a intenção de gestionar um espaço de organização coletiva, e de ter nossa sede, nosso local de encontro. Assim, fundamos a “Casa Pachamãe”.

A Casa Pachamãe está localizada na Cidade Baixa, no bairro de Monte Serrat, inserida numa comunidade de pescadores na Av. Constelação. A comunidade da Constelação é vizinha da comunidade da Pedra Furada e ambas foram construídas à beira do mar, permitindo aos moradores o contato direto com a natureza, mesmo estando dentro da cidade. Constelação é uma comunidade pequena, tranquila, cuidada principalmente por famílias de pescadores que moram ali há muitas gerações. Os adultos como as crianças tem uma relação profunda com o mar, sabem exatamente o que podem pescar de acordo com as condições da maré e do clima, até onde podem nadar e quando podem ou não entrar na água, entre outras coisas. A pescaria é feita pelo homem que trata e vende o peixe; a comercialização do peixe gera renda para muitas famílias. As mulheres criam a dinâmica de cuidar da casa, das crianças, desenvolvem trabalhos artesanais ou têm trabalhos formais ou, na maioria dos casos, informais, para ajudar com a economia da casa. É uma comunidade acolhedora, segura, familiar. Entre as casas da Av. Constelação encontra-se a sede da Pachamãe. A casa é gerenciada por pessoas de países latino-americanos, a maioria professores de faculdade, artistas, terapeutas, psicólogos,



comunicadores, sociólogos, etc. A casa sempre foi pensada como um espaço de educação coletiva que cria pontes possíveis de trocas culturais entre a comunidade e a academia num diálogo permanente com a cultura popular dos povos da América Latina. A casa conta com o apoio dos líderes comunitários, mulheres, as crianças e o grupo de capoeira *Gingando Sempre*, que outorgam um suporte fundamental nas atividades desenvolvidas. A intenção da casa é abrir suas portas para que quem a frequente se sinta pertencente à América Latina, entre em contato com suas raízes, conheça mais sobre a cultura dos seus vizinhos e reconheça outras fontes populares de educação.

As atividades desenvolvidas têm o suporte pedagógico na arte-educação, no intuito de valorizar as capacidades expressivas e criativas nos processos que visam o empoderamento dos sujeitos, especialmente aqueles que são marginalizados e excluídos. No entanto a partir da expressão artística, cultural, o sujeito consegue o resgate de sua capacidade expressiva, levando-o a ser protagonista da sua própria história enquanto atores e gestores sociais. É com essa finalidade que avançamos com a proposta de uma pedagogia criativa, relacionada ao empoderamento do sujeito. De maneira que, liberte seu pensamento, enquanto processo intrinsecamente educativo que nos leva à busca de novas formas subjetivas na compreensão individual e coletiva, dando outra interpretação às diversas maneiras em que podemos nos relacionar com o mundo. Algumas das atividades que foram desenvolvidas para dar voz e valorização ao sujeito a partir do que ela(e) traz de único e positivo, foi a realização de rodas para a contação de histórias dos moradores da comunidade constelação. O pessoal da comunidade sem separação de faixa etária entrava na roda de conversa para trazer as lembranças ou inquietações do local partindo da experiência e história dos mais velhos até chegar às vivências dos mais novos. Durante o desenvolvimento desta atividade a qual era direcionada para o diálogo, surgiu o fortalecimento e estreitamento de laços entre os vizinhos e familiares, melhorando as relações na convivência dentro da comunidade. A roda de conversa abriu espaço para que os sujeitos estabelecessem um lugar de diálogos e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro. Os encontros na roda possibilitaram que os participantes expressassem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre os temas propostos, assim como permitiu trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo. Outra atividade que tem permitido que os sujeitos se reposicionassem na perspectiva de seu protagonismo e da sua importância na construção de redes de cuidados



compartilhados é o Sarau Latino. No sarau os participantes são incentivados para compartilhar sua arte, manifestar sua fala publicamente, levar diálogos de temas que estejam gerando inquietações coletivas, como política, saúde, educação, meio ambiente, etc. Ao mesmo tempo em que se compartilha o cuidado e o valor pelas manifestações culturais produzidas no local como em outros lugares. Para estas oficinas convidamos artistas, educadores e gestores solidários de outros coletivos, para diversificar a experiência cultural da comunidade, estimulando o olhar através do outro e inspirar a troca de saber como iguais, como parceiros na educação comunitária.

Nos cursos de formação temos oferecido: Oficinas de desenho ilustrado, sendo muito requisitadas pelas crianças da comunidade. Aulas de Yoga para o cuidado da saúde dos moradores da comunidade e visitantes. Espanhol para o aprendizado e a integração da cultural latino-americana. Oficinas de Literatura e história da América Latina, trazendo o conhecimento das nossas raízes e a desconstrução consciente do pensamento colonizador. Reforço escolar como auxílio às crianças ou adolescentes que apresentam dificuldades em seguir o sistema de educação formal. Preparação para o vestibular, dando suporte no empoderamento ocupando outros lugares educacionais que vão além da comunidade, sendo fundamentais para as construções de novos propósitos comunitários. Curso de empreendedorismo, com o intuito de idealizar a implantação de projetos que proporcionem sustentabilidade comunitária.

As oficinas ofertadas para a construção de histórias coletivas foram:

Dança ritual e ritmo, explorando alguns dos ritmos e danças típicas da América Latina, ministrada pela professora de danças andinas, oficina de *Som, Conexão*, promovendo um espaço de encontro e reflexão física como espiritual. Vivenciando a experiência de articular música e dança com exercícios teatrais que causaram a conexão consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente, além de oferecer um amplo conhecimento sobre a cultura de algumas regiões da América Latina. Oficina Diálogos Percussivos da América Latina, onde através de atividades lúdicas os participantes do encontro fizeram um percurso pelos diferentes estilos de percussão latino-americana, tendo como marco a belíssima vista do pôr do sol da casa PachaMãe. A oficina de Teatro do Oprimido, retratar por meio da expressão corporal, do jogo, cenas da realidade filosófica, histórica, política, social dos sujeitos, gerando ações concretas e direcionadas à transformação da realidade dos participantes. Ao mesmo tempo, em que se trataram temas como a escola, identificação com o sistema de educação, projetos de





transformação na comunidade. Os Conversatórios pedagógicos nesses encontros são uma troca de diferentes perspectivas sobre o atual cenário político e social da nossa querida América Latina. Outras das atividades representativas desenvolvidas pelo coletivo é a famosa “Pachangas”, festa latina. O “Dia da humanidade”, comemorada no mês de setembro. É um dia de integração latino-americana, com música, dança, poesia, comidas, apresentações artísticas, aberto ao público variado: estudantes, integrantes da comunidade, artistas, etc. A “Festa dos mortos”, seguindo a tradição mexicana de comemorar o dia dos finados (2 de novembro) de uma maneira alegre, com música, danças, comidas, altares típicos, etc., para lembrar os seres queridos falecidos. Nesta data a Casa Pachamãe abre suas portas e entra no clima mexicano. Durante a festa se elaboraram mascaras, altares e comidas típicas. O “Aniversario Pachamãe”, comemorado em agosto, no mês da *Pachamama*. Neste dia fazemos rituais simbólicos em agradecimento à Mãe-Terra. Elaboramos comidas típicas de Latino América para que as pessoas experimentem. Além das intervenções artísticas também abrimos o sarau para que todo mundo participe. Na casa Pachamãe, se respira um ar de integração latino-americana, dentro dela é comum encontrar além do pessoal da comunidade, professores, estrangeiros, estudantes, visitantes, interagindo afetivamente, aprendendo um com outro. A ética da casa se centra na educação humanista, no respeito pelas diferenças, no resgate da memória histórica dos povos oprimidos. Ao mesmo tempo que, congrega por meio da cultura, da arte, do jogo, novas estratégias coletivas de empoderamento.

Com o passar do tempo Pachamãe estabeleceu parcerias com outros coletivos alternativos da cidade de Salvador: Casa Preta, Casa Charriot, Casa Rosada, Casarão Barabadá, Casa de Artes Sustentáveis de Salvador e o Coletivo Ponto Art. Desta maneira, cria-se o Coletivo CASAS: Casas Culturais Alternativas de Salvador. Desde então viemos desenvolvendo trabalhos de educação artística para a valorização da cultural local, como aconteceu no início deste ano, no mês de janeiro, com o denominado: II Circuito CASAS. Segundo Circuito no qual as diferentes casas se juntaram para estreitar seus vínculos e organizar diferentes encontros de cultura, arte e interação com a comunidade soteropolitana.

Estas vivências feitas no âmbito universitário, na comunidade Constelação, assim como em outros espaços e casas culturais da cidade, nos permitiu visualizar como coletivo a importância de possibilitar cada vez mais espaços abertos para a livre expressão criativa. Fica claro que quando o sujeito encontra um lugar onde pode chegar a se perceber como indivíduo,

se acaba surpreendendo ao se enxergar de uma maneira diferente do que sempre achou ser. Abrindo-se para a existência de outras possibilidades individuais ou coletivas, trazendo transformações acompanhadas de pequenas mudanças que podem fomentar novos desejos e sonhos nos sujeitos e nas comunidades para o bem comum. Esta troca de experiências de vida na comunidade Constelação levou-me a entender a importância de resgatar a pedagogia social para educarmos como sujeitos autônomos, críticos da realidade e com liberdade para criar novas propostas filosóficas para o resgate da vida. Como fala o sociólogo português Boaventura de Souza “o bem viver é um conceito de comunidade onde ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganha.” (2018, pag. 537)

### **Considerações finais**

Para concluir, de forma considerável, entendemos que o Coletivo Pachamãe, tem promovido a construção do pensamento emancipador por meio da toma de consciência por parte do sujeito, abrindo desse modo, as portas para o surgimento de uma filosofia de vida fundamentada no bem-viver. A filosofia do bem-viver como foi falado anteriormente procura a harmonia entre o ser humano e a natureza, considerando que ambos fazem parte da mesma comunidade que é a Terra, a mãe de todos nós. Mas para nós integrar em qualquer dos dois sentidos precisamos deixar fluir nossa criatividade, ter uma mente aberta para a construção criativa, livre de qualquer pensamento opressor que não permita ao sujeito se identificar e ser responsáveis de suas escolhas de vida.

A criatividade estimulada por meio da arte-educação produz ferramentas que nos ajudam a desconstruir o pensamento colonizador presente em todos nós desde que fuimos invadidos e submetidos, levando-nos a tomar consciência dos padrões dominadores pelos quais somos formados socialmente. Isso pode nos permitir desconstruir os padrões subjetivos que foram forjados pelas estruturas coloniais.

Por este motivo, o *bem-viver*, toma-se uma alternativa ao discurso de “desenvolvimento” e “progresso”, reconfigurando um horizonte de superação do capitalismo e neoliberalismo. A filosofia do *bem-viver*, constitui-se dentro de ideais construtivistas, mais igualitários, interculturais, que sirvam de suporte para lavrar outros modelos de organização sociais integrados à natureza para proporcionar a sustentabilidade da vida no nosso maravilhoso



planeta. Para isto, é necessário fortalecer os valores de solidariedade, liberdade, complementaridade, sustentabilidade, coletividade, etc., incorporando os conceitos éticos da vida em comunidade. Pensar a vida comunitariamente leva à busca de espaços de educação que conduzam a pedagogias libertação e não de opressão, no sentido de acreditar nas mudanças coletivas para chegar a ter uma vida diferente, mais equilibrada que proporcione bem-estar. É por isso que entendemos a importância de adquirir uma educação transcendental que se nutra da necessidade de impulsionar uma vida harmoniosa entre os seres humanos e a nossa Mãe-Terra. Reconhecer o discurso dominador e suas correspondentes práticas de opressão permite entender o verdadeiro propósito do projeto da Modernidade. Uma vez que consigamos entender o abismo para o qual estamos sendo conduzidos, responderemos visualizando fontes que promovam mudanças na afetividade, nas relações interpessoais, assim como nas estruturas políticas dos sujeitos e da sociedade. O mundo pode ser recriado se for pensado a partir do âmbito comunitário, respeitando os direitos humanos, mas também os direitos da Terra e sendo responsáveis pelas nossas ações a nível político, ético, econômico, cultural, social. Para que isso possa ser possível é necessário criar novas formas de pensamento e organização política, ética, econômica, pedagógica, epistemológica, que consolidem o compromisso com a preservação da vida, com o fortalecimento das relações solidárias e comunitárias, com o fortalecimento e apropriação dos espaços públicos, com um consumo mais consciente e com diversas estratégias para se *viver-bem*, com maior harmonia entre os seres humanos e a Pachamama.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O bem vive: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo. Editora Elefante, 2016.
- BAUTISTA, Juan. J. ¿Qué significa pensar desde América Latina?. Madrid, Espanha. Ediciones Akal, S.A., 2014.
- BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança. V1. Trad. Nélio Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.
- DUSSEL, Enrique. Filosofía de la Liberación. Bogotá, Colombia. Editora Nueva América, 1996.

FREIRE, P. (1997). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paul. Editora Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, S. Boaventura. Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

VELÁSQUEZ, Dani. Das Armas e Das Letras: A Violência no Romance Latino-Americano Contemporâneo. Dissertação (Doutorado em Letras)-Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.